

A liberdade está no ar

Rádio Livre, a rádio das unidades de detenção do Ceará

Preparado por Ana Amélia Erthal, da ESPM-RJ¹.

Recomendado para as disciplinas de: Tecnologias da Informação e da Comunicação, Jornalismo, Sociedade e Cidadania, Comunicação e Instituições Públicas, Cenários e Tendências Culturais, Comunicação Digital, Comunicação Dirigida, Mídias Alternativas.

Resumo

Este caso pode explorar vários temas sobre o meio rádio. Um meio que teve sua morte anunciada várias vezes ao longo da história, sobretudo com a chegada dos novos meios de comunicação. Uma das questões pode ser sobre as rádios on-line, como elas surgiram e se expandiram como a ferramenta extremamente fácil e de longo alcance, que pode ser manipulada por qualquer pessoa e exige baixo investimento. Outra abordagem pode ser a questão da produção de conteúdos totalmente dirigidos para públicos específicos, embora se trate de uma mídia de alcance abrangente. No caso abordado, trata-se de uma rádio on-line para detentos no Ceará. Pode-se discutir a legitimidade da estratégia de comunicação, que o rádio ainda é uma ferramenta para comunicar que pode ter diversas apropriações potencializadas pelas margens do digital. Por fim, pode-se apenas observar a construção do discurso da rádio para os detentos, considerando as variações de intenção de cada público pertencente ao sistema.

Palavras-chave

Rádio Livre. Rádios digitais. Web rádio. Conteúdo radiofônico dirigido.

Novembro/2014.

¹ Este caso foi escrito inteiramente a partir de informações cedidas pela empresa e outras fontes mencionadas no tópico "Referências". Não é intenção do autor avaliar ou julgar o movimento estratégico da empresa em questão. Este texto é destinado exclusivamente ao estudo e à discussão acadêmica, sendo vedada a sua utilização ou reprodução em qualquer outra forma. A violação aos direitos autorais sujeitará o infrator às penalidades da Lei. Direitos Reservados ESPM.

Pequena caixinha que carreguei quando em fuga
Para que suas válvulas não pifassem,
Que levei de casa para o navio e o trem
Para que meus inimigos continuassem a falar-me
Perto de minha cama, e para minha angústia,
As últimas palavras da noite e as primeiras da manhã
Sobre suas vitórias e sobre seus problemas
– Prometa-me não ficar muda de repente

Bertold Brecht²

“A liberdade está no ar!” – bradam as 250 caixas de som distribuídas em seis presídios do Estado do Ceará, diariamente, desde 10 de janeiro de 2013. Um tanto paradoxal, se for considerado seu nome e seu limite de atuação, mas foi assim que surgiu a Rádio Livre, uma rádio de transmissão digital criada para atender a determinadas unidades prisionais situadas na região central de Ceará, levando informação e música para mais de quatro mil detentos.

A Rádio Livre foi criada para os sistemas prisionais do Estado do Ceará, numa iniciativa de Mariana Lobo Botelho de Albuquerque, secretária da Justiça e Cidadania do Governo do Estado do Ceará (www.sejus.ce.gov.br). A rádio funciona a partir de um estúdio na SEJUS e é transmitida, usando sistema de streaming digital, para seis unidades prisionais e via endereço eletrônico (<http://www.sejus.ce.gov.br/index.php/component/content/article/54-categoria-video/1268-radio-livre>) para qualquer ouvinte em todo o mundo. Assim, como propunha Marshall McLuhan em suas reflexões sobre o meio, o rádio continua tocando as memórias das pessoas e pode reorganizar, de forma quase mágica, organizações sociais, como – no caso – o sistema carcerário.

“O rádio possui o manto de invisibilidade como qualquer outra mídia. Ele se apresenta a nós ostensivamente dirigido de pessoa a pessoa de forma privada e íntima, embora seja, primeiramente, uma câmara de eco subliminar com um poder mágico para tocar cordas remotas e esquecidas” (2003, p. 404, tradução nossa).

A simples presença do meio nas casas de detenção poderia estar alterando o ambiente em que os indivíduos convivem, trazendo uma sensação de liberdade por oferecer informações de fora dos muros das penitenciárias.

A lembrança mais remota que se tem sobre a existência de uma rádio dentro de uma casa de detenção refere-se ao romance “Memórias do Cárcere”, de Graciliano Ramos, e não se trata exatamente de uma rádio, mas sim, de uma locução improvisada de presos, com temas diversos, que ecoava pelos pavilhões da Casa de Detenção do Rio de Janeiro. Graciliano Ramos descreveu como a pena foi atenuada com a presença da matutina “Rádio Libertadora”. Cada detento improvisava sua informação e vozes aveludadas das mulheres em cativeiro modificaram a sensação de estar confinado e provocaram nos encarcerados novas ocupações.

Em circunstâncias menos empoladas pela visão de um romancista, a experiência de uma rádio em uma prisão também transformou o dia a dia das unidades prisionais do Ceará. A Rádio Livre, uma versão da Rádio Libertadora – modernizada e autorizada – ecoa por

2 Trecho do capítulo “Rádio: O Tambor Tribal” de Marshall McLuhan, p.400, tradução nossa.

entre as grades e não se trata “apenas de um divertimento arranjado para elevar o ânimo dos presos”, pois aposta nas mudanças que o meio pode promover, reorganizando as pessoas que fazem parte daquele sistema, e vai além dos muros da prisão. Por se tratar de uma rádio digital, a informação chega a parentes, a todo o sistema carcerário e ao público em geral.

Seria esse novo meio uma oportunidade de comunicação dirigida a um público que cumpre pena por crimes em regimes de detenção fechado? Mas, como atrair a audiência? Mariana, formada em Direito pela Universidade de Fortaleza, havia participado da Comissão Especial de Direitos Humanos da Presidência da República para estudo da atuação de grupo de extermínio no Ceará, estava totalmente comprometida com o acesso à justiça e direitos humanos. Ao mesmo tempo em que comemorava o início da transmissão, depois de três anos desenvolvendo o projeto, preocupava-se com o futuro da sua iniciativa. Ela teria um longo caminho a percorrer e, para ajudá-la, convidou Felipe Sampaio para coordenar a produção de conteúdo. Felipe tinha 23 anos, era jornalista formado e trabalhava com rádio desde os 11 anos, com passagens pelas principais emissoras de Fortaleza e do interior do Estado do Ceará. Algumas emissoras eram voltadas para a vertente religiosa. “Sempre obtive um trabalho dirigido a educação, direito e cidadania. Quando surgiu a vaga na Rádio Livre, o ex-coordenador conversou com profissionais da área de comunicação e alguns indicaram meu nome”, conta Felipe lembrando como ingressou na rádio. Ele tinha em mente que se tratava de um projeto inovador e ousado. Embora tivesse conhecimento de projetos parecidos, nenhum deles tinha a mesma força de alcance para ele. Sabendo que o trabalho não seria fácil, Felipe, decidiu “pensar no produto e seus resultados, além da melhor forma de convencer àqueles que estão presos, que a educação e o trabalho são os melhores meios de retornar à sociedade de forma digna (deixando de lado todos os tabus e preconceitos)”. Dessa forma, livre de julgamentos, Felipe começou a trabalhar com a construção de histórias de cada envolvido, criando proximidade com os familiares dos internos e transmitindo informações e recados a qualquer momento, bastando apenas uma ligação para o estúdio.

Qual seria o destino do “catatau”?

Contextualização Histórica

Em 2010, Mariana idealizou a Rádio Livre. O objetivo principal do projeto era diminuir a ociosidade daqueles que estavam privados de liberdade. Os outros objetivos específicos tratavam da comunicação: estabelecer um elo entre detentos e familiares, atender às necessidades da direção dos presídios para comunicados diversos e até mesmo convocação dos internos para procedimentos.

Antes da Rádio, o meio de comunicação utilizado era o “catatau”: recados escritos pelos presos em tampas de quentinhas (ou qualquer outro pedaço de papel que pudessem encontrar) para solicitar algum atendimento de saúde ou jurídico, enviar pedidos à direção ou avisos aos familiares. Nesse precário sistema, as solicitações escritas de cada preso eram encaminhadas para o assistente social da unidade, que as repassava para parentes ou para o setor responsável da unidade carcerária. Durante as visitas dos assistentes sociais, os detentos entregavam os seus “catataus” com os relatos de suas enfermidades ou distúrbios de saúde ou, ainda, as dificuldades no atendimento jurídico para conhecimento do andamento de seus processos respectivos. O assistente, então, buscava repassar o recado adiante. O “catatau” direcionado para os familiares continha o nome e o telefone do familiar a ser conectado para obter notícias, fazer pedidos de material de higiene pessoal ou roupas.

Para transformar essa situação, Mariana, com a ajuda da ASCOM (Assessoria de Comunicação das Unidades de Detenção), estruturou o projeto da rádio, tratando de questões como

o conteúdo, a ambientação dos internos e os recursos materiais necessários. De acordo com Felipe, “foi necessária uma adaptação por se tratar de um projeto diferente e inovador, em que os internos tinham que conhecer melhor a programação e os quadros, para aceitar e acreditar nessa iniciativa do sistema”. A condução foi séria para ser respeitada. As unidades prisionais receberam os equipamentos técnicos necessários, os profissionais responsáveis pela condução do projeto visitaram as unidades para conhecer a audiência da rádio e desenvolver uma comunicação dirigida, com uma programação inteiramente voltada para eles.

O estúdio sediado na SEJUS cuida da transmissão dos programas para toda a rede de unidades assistidas. Felipe Sampaio contou que a SEJUS equipou-se “com mesa de som, computador, sistema de telefonia (híbrida) para a participação dos ouvintes e softwares para a transmissão. Cada presídio recebeu uma sala da Rádio Livre com computador, mesa de som e amplificadores”.

Em 10 de janeiro de 2013 a Rádio Livre começou a transmitir para seis presídios. O slogan “A liberdade está no ar!” invadiu as 250 caixas de som distribuídas entre as unidades prisionais que contabilizavam quatro mil detentos na época, conforme a descrição seguinte.

A Unidade Prisional Desembargador Adalberto de Oliveira Barros Leal, mais conhecida como Carrapicho, situada em Caucaia, destinava-se aos presos em vários regimes³. A Casa de Privação Provisória de Liberdade Professor Clodoaldo Pinto (CPPL II), inaugurada em 1º de julho de 2009 em Itaitinga, com capacidade para 952 detentos. A Casa de Privação Provisória de Liberdade Professor Jucá Neto (CPPL III), inaugurada em 24 de agosto de 2010 em Itaitinga, também com capacidade de 952 detentos. A Casa de Privação Provisória de Liberdade Agente Elias Alves da Silva (CPPL IV), inaugurada em 20 de agosto de 2012, também em Itaitinga, com capacidade para 936 presos. Além dessas quatro unidades, também fizeram parte do projeto a Penitenciária Francisco Hélio Viana de Araújo, em Pacatuba, e o Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa (IPF), a primeira, de segurança média, tinha capacidade para 500 condenados em regime fechado; a segunda é uma penitenciária para mulheres, inaugurada em 22 de agosto de 1974, pelo então governador César Cals de Oliveira Filho, mas reinaugurada em 31 de outubro de 2000, na gestão de Tasso Jereissati, com capacidade para 380 internas e localizada em Aquiraz.

A Rádio mudou a rotina de todas as pessoas que participam desse sistema: os familiares passaram a poder ligar para a SEJUS e encaminhar recados e mensagens de otimismo (que recebem pré-moderação conforme explicou Felipe Sampaio); a direção das unidades passou a transmitir informações úteis aos internos; e os detentos tiveram a permissão de vivenciar uma sensação de liberdade a partir do momento em que recebem notícias sobre assuntos variados (cuidados com a saúde, prática de esporte, dicas de beleza) e se entretêm durante o tempo ocioso com programas de humor, radionovelas e música. De maneira leve e dinâmica, eles tiveram a oportunidade de se aproximar de seus familiares e do mundo fora das grades.

Giovane Martins de Souza, diretor da CPPL II, em entrevista, comentou a atuação da Rádio: “Antes, a comunicação nos presídios funcionava somente por visitas periódicas, recebimento de cartas e envio de recados. As informações diversificadas que eles passaram a receber com a Rádio Livre, além das mensagens de familiares e palestras, contribuíram para uma reflexão e mudança de atitude e de comportamento no interior das unidades prisionais. Eles perceberam que a vida deles não se resume ao momento de encarceramento, mas que também há oportunidades que eles deixam de experimentar e há possibilidade de um recomeço”.

3 Em outubro de 2014 havia a proposta de tornar a unidade um Centro de Triagem.

Contextualização da Indústria

Para Armand Balsebre, o rádio foi um meio criado com capacidade para inventar, um produtor de sonhos para os ouvintes, apto para fazer nascer uma “poesia do espaço”: “o rádio é um meio de comunicação, difusão e expressão que tem duas metas importantes: a reconstituição e a recriação do mundo real e a criação de um mundo imaginário e fantástico” (2005, p. 327). Como Balsebre e McLuhan, outros teóricos foram bastante otimistas em relação ao rádio. Bertolt Brecht afirmava que aqueles que valorizavam o rádio viam nele a capacidade de inventar algo (2005, p. 36). Entretanto, em sua primeira fase, o rádio apenas retransmitiu espetáculos. Ele dizia qualquer coisa a qualquer um, “na qualidade de substituta [...] do teatro, da ópera, do concerto, das conferências, do café concerto, da imprensa local, etc.” (ibid., 41). Isso, segundo Rudolf Arnheim, consistia em grave erro, já que o audível era “arrancado da totalidade formada pelo visual mais o acústico e apresentado sozinho” (2005, p. 65). Sem uma programação própria, a função de criar ou de fazer nascer poesia era algo muito distante.

Com o passar do tempo, o rádio foi construindo sua linguagem. Não mais retransmitia áudios, mas criava os seus. Sua linguagem era composta por ritmos, tonalidades, e expressões que não eram derivados da escrita, nem a imitação da oralidade dos espetáculos. Para Arnheim, a linguagem do rádio era “capaz de criar um mundo inteiro e completo em si mesmo, com o material sensorial de que dispõe” (2005, p. 63). Dessa forma, a linguagem radiofônica construiu-se pelo conjunto de formas sonoras expressas pela palavra, pela música, pelos efeitos de som e, também, pelo silêncio. E sua determinação veio “pelo conjunto dos recursos técnicos expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo visual dos ouvintes” (BALSEBRE, 2005, p. 329). O rádio, alcançando características próprias, converteu-se “de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação” (BRECHT, 2005, p. 42). Mais do que isso, ele evoluiu de uma mensagem puramente funcional para uma comunicação “cuja semântica gera o intercâmbio de ideias, conceitos e relações entre indivíduos, mas, ao mesmo tempo, surpreende, emociona, excita a sensibilidade do ouvinte” (BALSEBRE, 2005, p. 335).

Nessa evolução, não apenas na linguagem, mas em formato, tecnologia e abrangência, o rádio posicionou-se e foi se adaptando às novidades comunicacionais e aos novos meios que irromperam depois dele. A história do rádio tem dois momentos de intensos debates sobre o futuro: o primeiro com o surgimento da televisão, por ter som e imagem; o segundo, nos anos 2000, com a internet e os meios digitais: a multiplicidade de informações a todo instante, a possibilidade de baixar músicas grátis e montar playlists para smartphones e outros dispositivos, decretaria o fim do meio. Mas nada disso aconteceu. De 2004 até 2014, no Brasil, o número de emissoras dobrou e o rádio esteve presente em 88% das residências⁴. Isso só se explicaria por meio da adaptação do meio às novas tecnologias e o crescimento das versões digitais das rádios. Mesmo antes da experiência digital, McLuhan bradava que o poder do rádio em envolver profundamente as pessoas poderia ser observado com a forma como os adolescentes utilizam o meio – para fazer trabalhos escolares e tarefas domésticas –, bem como a forma como as pessoas portavam seus aparelhos, criando “um mundo particular próprio em meio às multidões” (2003, p. 400). Se seguirmos a análise de McLuhan, basta olhar ao redor, para constatar milhares de pessoas portando seus aparatos com música, seja rádio em seu sentido mais tradicional, sejam playlists montadas, sejam rádios via streaming, sejam rádios digitais. Há uma infinidade de possibilidades para se ouvir rádio em tempos digitais.

As novidades que apareceram na área de radiofonia, como os arquivos de áudio e sites de emissoras, talvez não enquadrem o rádio como rádio, como propõe Eduardo Meditsch, dizendo que o rádio é um meio de comunicação que transmite informação sonora, invisível, em

⁴ Acessado em 31/10/2014. <http://www.ebc.com.br/cultura/galeria/audios/2014/02/numero-de-emissoras-de-radio-quase-dobrou-em-dez-anos-no-brasil>

tempo real, “Se não for feito de som, não é rádio, se tiver imagem junto não é mais rádio, se não emitir em tempo real (o tempo real da vida do ouvinte e da sociedade em que está inserido) é fonografia, também não é rádio” (2001, p. 4). A linguagem do rádio teria uma especificidade que seria equivalente à da internet, com imagens em movimento, fotografias, interação em tempo real e não linearidade:

“Um viés para a nova definição da radiofonia passa pela reconfiguração das novidades presentes na web rádio. Os gêneros no rádio tradicional possuem uma configuração clara e precisa, já que seu universo é apenas sonoro. Com a internet, porém, os gêneros conhecidos se reconfiguram, aparecendo de formas novas na radiofonia. Inclusive, pode-se dizer que um novo conceito de radiodifusão deveria ser traçado com o advento da rádio na internet, porque há o surgimento de novos gêneros e de novas formas de interação” (PRATA, 2009, p.15).

O rádio estaria, então, passando por fases diferentes dentro das redes digitais, como propõe Prata: interseção, adaptação, mudança e transformação. A partir da presença do rádio na internet, a autora propõe dois modelos de radiofonia: analógica, as tradicionais rádios que transmitem via ondas sonoras; e digital, dividindo-se entre rádios tradicionais que transmitem também pela internet e rádios com existência exclusiva na internet, ou web rádios (ibid., p.46). McLuhan dizia que o meio é a mensagem. Dessa forma, observamos que a linguagem do rádio mudou a partir do momento em que usa a internet como plataforma de transmissão e o digital expande a atuação do meio rádio.

A Rádio Livre seria uma radiofonia digital, um modelo de web rádio que transmite via internet, mas que não possui uma página de apresentação. Não há um modelo de interação, chats, não possui fotos e imagens. Apenas um player, que pode ser acionado a partir de qualquer página a que esteja vinculado. Embora tenha um conteúdo dirigido e exclusivo para os prisioneiros das redes de detenção, a rádio pode ser ouvida na Inglaterra, no Japão e em qualquer lugar do mundo com internet.

Fatos

Uma caneta e a tampa de uma quentinha. Esses eram os objetos mais utilizados pelos detentos dos presídios de Fortaleza para se comunicarem com a direção da unidade prisional ou com a família. Chamados de “catatau”, os recados escritos improvisadamente eram o único meio de comunicação que os presos possuíam para solicitar algum atendimento médico ou jurídico. O “catatau” precisava ser entregue ao assistente social da unidade, que repassaria a mensagem ao destinatário. Com o intuito de transmitir um recado, o “catatau” não alterava a vida de quem estava rodeado pelos muros da prisão.

Seria preciso que algo inovador fosse pensado para modificar a comunicação e a rotina de solicitações. Assim, a secretária Mariana Lobo idealizou a Rádio Livre. Um canal entre presos de seis unidades carcerárias e o mundo: fora dos muros e dentro deles também. Conforme apresentado no contexto histórico do caso, a rádio é transmitida pela internet, as unidades contam com estrutura de sonorização, e a partir de sugestões de familiares e detentos, diversos conteúdos são apresentados, de segundas a sextas-feiras, das 8h às 19h.

O projeto, pioneiro no Estado do Ceará, contribuiu para socialização de detentos e egressos e se transformou em um canal de comunicação, não apenas entre o meio e os presos, mas também com a comunidade. A rádio serviu como um atalho para diminuir a saudade dos parentes, que passaram a deixar mensagens pela linha telefônica ou recados escritos e depo-

sitados sitados nas caixas encontradas em cada unidade prisional. Felipe Sampaio conta que, como meio institucional, a Rádio Livre passou a estabelecer um elo entre a direção e os detentos. Os servidores públicos do sistema carcerário têm a programação disponível na intranet, podendo enviar notificações. Já os familiares acompanham pelo site da SEJUS e participam pelo telefone (85) 3088-1293. A Rádio passou a funcionar também no Núcleo da Defensoria Pública em Execução Penal, no bairro Luciano Cavalcante, que atende familiares e egressos na solução de diversos problemas.

Até outubro de 2014, trabalhavam na programação da Rádio Livre três pessoas: o próprio Felipe Sampaio, jornalista responsável pela programação geral; e dois egressos, Gilson Lamark e Cynthia Corvello. Os programas, conforme Felipe, contavam com “a participação da equipe da Assessoria de Comunicação da SEJUS (coordenada por Bianca Felippsen), além dos profissionais da CISPE (Coordenadoria de Inclusão Social de Presos e Egressos), que levavam esclarecimentos sobre cursos, aulas, vagas de trabalho e eventos em geral, conectados com informações sobre esportes”. Também havia “a colaboração de professores, profissionais da área da saúde, segurança, defensores públicos, advogados e até religiosos”. A equipe técnica da rádio visita periodicamente as unidades, nos horários de vivências ou das visitas de familiares aos domingos. Dessa forma, pode avaliar a percepção da programação pelos ouvintes e interage com os detentos. “Os internos mandavam recados para a Rádio, pedindo músicas, alô, quadros. Alguns dos presos quando retornavam à liberdade, ligavam para passar alguma mensagem para seus colegas que continuavam presos e falar da experiência com a Rádio Livre”, contou Felipe.

A participação dos detentos era limitada. Eles não podiam ligar para a rádio ou fazer parte da equipe. Sua atividade era moderada pela assistência social e pelos profissionais da SEJUS. Na medida do possível, a programação era elaborada a partir do cotidiano dos presos. Felipe contou que o fato de ter egressos ajudando na Rádio facilitou “na escolha do que falar, em saber o que eles queriam ouvir, como falar, o que não falar e, inclusive, nas gírias. Um exemplo disso foi uma dica de beleza para as internas do IPF, sobre como manter a pele limpa com a casca de banana”, já que a banana era uma das frutas que podia entrar na unidade. Os internos também podiam participar dos quadros, perguntando sobre os processos e eventuais dúvidas na questão do direito.

A Rádio Livre possuía uma grade fixa de programação. De segunda a sexta, Felipe Sampaio comandava o “Conexão Livre”, em três horários e com diversos quadros (como o Dicionário Jurídico) e muita música. Outro programa de destaque era o “Radionovela e Alô!”, produzido por uma parceria entre a Rádio Livre e a Rádio Justiça, de Brasília. Conforme Felipe, a radionovela apresentava uma história diferente toda semana. Com temas voltados para o cotidiano dos detentos (direito, cidadania, cultura, fé e paz), eram roteirizadas de forma bem-humorada e apresentavam uma lição de vida ao final.

Outros programas da rádio: “Se Intera”, comandado por Cynthia Corvello (e com várias inserções diárias), “Momento de Reflexão” (que a cada dia recebia uma instituição religiosa diferente), “Essa é da minha época”, “Café com Glitter” (um programa de humor), “Cispe Esporte Clube”, “O assunto é: Saúde”, “Caminhando com a Justiça”, “Especial da Semana”, “Ritmos Musicais”. A todo momento, havia inserções curtas de informações importantes (por exemplo, referente a mudança de três quilos para três quilos e meio das mercadorias recebidas pelos presos), mensagens de motivações e, até mesmo, dicas sobre concursos. Em uma dessas dicas, Cynthia Corvello contou sua experiência: egressa e atual funcionária da rádio, ela estudou para o ENEM enquanto ainda estava na casa de detenção e, após sair, passou em uma universidade e se formou⁵. Em média, a rádio contabiliza diariamente seis mil ouvintes, com picos de 15 a 20 pontos de audiência (de acordo com o programa de transmissão), e os programas alcançavam, geralmente, a mesma quantidade de acessos, com destaque para três deles: “Conexão Livre”;

5 Informação ouvida diretamente da programação da rádio em 29/10/2014.

“Café com Gliter” e “Se Intera”.

Com tantos meios de comunicação já existentes e com tantas outras possibilidades, após conhecer a história da Rádio Livre, você pode estar se questionando: por que a escolha de uma rádio? Felipe Sampaio acredita que, “até hoje, o rádio é um dos meios de comunicação mais práticos, baratos e de fácil e longo alcance. Tecnicamente, o sistema de som nas vivências ainda é mais viável do que o de outros veículos”. Para ele, basta analisar: “se fosse um meio televisivo, teríamos que ter câmeras filmadoras de alta qualidade, computadores potentes para edição, ilha de edição, estúdio para gravar programas, luz apropriada, televisores e o principal: equipe técnica para fazer a produção, apresentação e edição de programas. Iríamos gastar muito com a matéria-prima, como também com a equipe”.

Para Bertold Brecht, “um homem que tem algo para dizer e não encontra ouvintes está em má situação. Mas estão em pior situação ainda os ouvintes que não encontram quem tenha para lhes dizer” (2005, p. 36). Homens com algo a dizer puderam ser ouvidos por outros que se encontravam ávidos por alguém que pudesse lhes contar algo.

Dilema

Albert Einstein afirmou que três bombas atômicas atingiram o século XX: a bomba demográfica, a bomba atômica e a bomba das telecomunicações.

Desde o surgimento do código digital, está ocorrendo um processo de informatização de todos os meios de comunicação, em que as linguagens, antes próprias de cada meio, convergem e se encontram em diversos aparelhos tecnológicos, capazes de decodificar e transmitir conteúdos diversificados. As mudanças também podem ser colocadas na materialidade do rádio: transforma as sensorialidades da audiência, que deixa de apenas ouvir, para participar, escrever, falar, ler, interagir. São mais sentidos envolvidos no processo de transmissão do rádio. Os próprios termos “ouvinte” e “audiência” se esvaziam diante das novas possibilidades do novo meio.

Assim, se a nova radiofonia tem como base a interação, com a audiência consumindo e produzindo conteúdos, qual é o desafio de Felipe Sampaio para manter a audiência da Rádio Livre?

Referências

ARNHEIM, Rudolf. O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). Teorias do rádio – textos e contextos – vol. I. Florianópolis: Insular, 2005.

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). Teorias do rádio – textos e contextos – vol. I. Florianópolis: Insular, 2005.

BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio. In MEDITSCH, Eduardo (org.). Teorias do rádio – textos e contextos – vol. I. Florianópolis: Insular, 2005.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. La radio en la convergencia multimedia. Barcelona: Gedisa, 2001.

_____. A criatividade no contexto do rádio atual. Teorias do Rádio – textos e contextos – vol.II. Florianópolis: Insular, 2008

_____. La radio en Internet: de la ciberradio a las redes sociales y la radio móvil. Buenos Aires: La Crujía, 2008.

MCLUHAN, Marshall. Understanding Media. The extensions of a man. Critical Edition. Corte Madera, CA: Gingko Press, 1964.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985

PRATA, Nair. Webs Rádio: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009.

RAMOS, Graciliano. Memórias do Cárcere. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014, 727 páginas.

SCHAFER, R. Murray. Rádio Radical e a Nova Paisagem Sonora. In: MEDITSCH, Eduardo (org.) Teorias do Rádio – textos e contextos – vol.II. Florianópolis: Insular, 2008.